

## *Asas brancas, um conto de Yuriko Miyamoto*

*Karen Kazue Kawana<sup>1</sup>*

**Resumo:** Yuriko Miyamoto (1899-1951) nasceu em Tóquio como Yuri Chūjō e teve seu primeiro conto, “*Mazushiki hitobito no mure*” (“Um bando de pessoas pobres”, 1916), publicado quando ainda era adolescente. Seus textos, em geral, possuem grande conteúdo autobiográfico e trazem uma grande preocupação em denunciar e conscientizar as pessoas sobre as injustiças e as desigualdades sociais. Ela é conhecida como autora de literatura feminista e proletária no Japão, no entanto, o texto traduzido aqui traz uma faceta um pouco diferente dessa autora, pois trata-se de um conto ficcional, curto e mais sentimental.

**Abstract:** Yuriko Miyamoto (1899-1951) was born in Tokyo as Yuri Chūjō and had her first short story, “*Mazushiki hitobito no mure*” (“A bunch of poor people”, 1916), published when she was still a teenager. Her texts, in general, have a strong autobiographical content and are very concerned with denouncing and raising awareness about injustices and social inequalities. She is known as an author of feminist and proletarian literature in Japan, however, the text translated here presents slightly different characteristics of this author, as it is a fictional and more sentimental short story.

### **Sobre a escritora**

Yuriko Miyamoto (1899-1951) nasceu em Tóquio como Yuri Chūjō. Seu pai era um arquiteto formado na Universidade Imperial de Tóquio, atual Universidade de Tóquio, e sua mãe, Yoshie Nishimura, era filha de Shigeki Nishimura, um pensador e educador que desempenhou um papel importante na reestruturação do sistema educacional japonês durante o período Meiji (1868-1912). Ela recebeu

---

1 Doutoranda do programa de Teoria e História Literária do IEL/Unicamp.

uma educação privilegiada e começou a escrever na adolescência. Seu primeiro conto “*Mazushiki hitobito no mure*” (“Um bando de pessoas pobres”) foi publicado na prestigiosa revista *Chūō Kōron* em 1916. Nele, Yuriko narra a experiência de uma jovem que se choca com a condição dos moradores de um vilarejo e procura ajudá-los, no entanto, seu projeto acaba sendo frustrado. Essa publicação a tornou conhecida, e ela deixou a universidade feminina que frequentava para se dedicar à escrita.

Em 1918, Yuriko acompanhou o pai a uma viagem aos Estados Unidos e permaneceu no país sozinha para assistir a aulas como ouvinte na Universidade de Columbia. Foi nesse período que ela conheceu seu primeiro marido, Shigeru Araki (1884-1932), pesquisador de línguas persas antigas, quinze anos mais velho, com quem se casou contrariando a vontade da família. O casamento, porém, revelou-se decepcionante para a jovem Yuriko, e o casal se separou quatro anos depois, quando os dois já haviam retornado ao Japão. Essa experiência é narrada no romance *Nobuko*, serializado entre 1924-1926.

Yuriko passou a viver com a tradutora do russo e editora Yoshiko Yuasa (1896-1990) depois de sua separação. Esta última foi à União Soviética para aprofundar seus estudos em 1927, e Yuriko a acompanhou. As duas passaram três anos no país e, ao retornar, Yuriko entrou para o Partido Comunista Japonês, já na ilegalidade. Ela, Kenji Miyamoto (1908-2007), com quem viria a se casar, e o escritor Takiji Kobayashi (1903-1933) integravam a Associação Artística Proletária Japonesa e escreviam textos nos quais apresentavam as ideias socialistas e incentivavam os trabalhadores a se organizar e a lutar por seus direitos. O Japão se militarizava e se encaminhava para a Segunda Guerra, vozes dissidentes eram reprimidas. A prisão de membros da esquerda era uma constante na década de 1930. Yuriko foi presa pela primeira vez dois meses após seu casamento com Kenji, em 1932, sendo detida diversas vezes até 1942, quando sofreu uma insolação e quase morreu na prisão. Kenji Miyamoto foi detido em 1933 e passou doze anos encarcerado, sendo libertado apenas ao final da Segunda Guerra. Takiji Kobayashi morreu em circunstâncias suspeitas pouco depois de sua prisão em 1933. A repressão e a censura foram intensas nesse período.

Escritora, intelectual, socialista, crítica. Yuriko Miyamoto foi uma escritora preocupada com a emancipação feminina sem nunca perder o coletivo de vista. Ela dedicou sua escrita a denunciar e a conscientizar a sociedade, especialmente as mulheres e os trabalhadores, sobre as injustiças a que estavam submetidos, instigando-os a refletir e a lutar para melhorar sua condição. Sua obra é multifacetada, possui grande conteúdo autobiográfico e pode ser dividida em

algumas fases: a da juventude, que se estende até sua ida à União Soviética em 1927, quando seus textos já refletem uma preocupação com as questões sociais, especialmente em relação às mulheres, cuja liberdade é tolhida e desencorajada pela sociedade na qual valores conservadores predominam, mas na qual textos de ficção propriamente dita ainda se mesclam a textos de teor de crítica social com elementos autobiográficos. O romance *Nobuko* é sua obra mais conhecida desse período. A fase seguinte compreende os anos posteriores a seu retorno ao Japão, e se estende até o final da Segunda Guerra, na qual ela escreve textos para a educação e a conscientização das massas e também textos mais jornalísticos e de crítica literária à medida que a censura governamental se intensifica; por fim, seus textos do pós-guerra trazem uma escritora que procura afirmar os valores democráticos, denunciar os problemas da sociedade e a destruição provocada pela guerra, os romances *Banshū Heiya* (*Planície de Banshū*, 1947) e *Fūchisō* (*Ervas ao vento*, 1947) são desse período. Seus dois últimos romances *Futatsu no niwa* (*Dois jardins*, 1948) e *Dōhyō* (*Pontos de referência*, 1950) retomam a vida de Nobuko, protagonista do romance homônimo e *alter ego* da autora, de certa forma, eles encerram a narrativa da jovem bem-nascida que se transforma em intelectual e escritora preocupada com questões sociais.

Yuriko morreu em consequência de uma meningite em 1951. A luta pela independência feminina e por justiça social marcam fortemente a sua obra.

## O conto e a tradução

O conto “*Shiroi tsubasa*” (“Asas brancas”) foi publicado na revista *Kindai Fūkei* (*Paisagem Moderna*) em fevereiro de 1927, antes da partida de Yuriko para a União Soviética e, portanto, ele é anterior ao seu engajamento com a literatura proletária propriamente dita. Trata-se de um conto mais “literário” da autora, já que seus textos, em geral, têm caráter mais “engajado” e “jornalístico”. Ele traz a história de um pombo que perde a esposa certa noite e narra sua tristeza. Embora o texto seja curto, ele apresenta várias “quebras”, ou espaçamentos, que foram mantidos. Também procurei observar a pontuação das frases, evitando aglutiná-las ou alterá-las em demasia.

Acredito que a questão que causou maior dúvida foi em relação a qual substantivo usar para a ave, “pombo” ou “pomba”, já que ambos são epicenos e servem para os dois gêneros. Preferi “pombo”, já que o macho é mencionado mais vezes. Como os substantivos em japonês não possuem marca de gênero, a tradução ficou mais próxima do texto de partida nesse sentido, já que a autora também emprega

“pombo-macho” e “pombo-fêmea”, ou apenas “macho” e “fêmea” em algumas instâncias. Precisei “inventar” algumas variações para representar os sons emitidos pelos pombos e acompanhar as variações presentes no original. Optei por traduzir “ㇿㇿ” literalmente por “aqui” nas passagens em que esse dêitico aparece, pois ele costuma assinalar a inserção do narrador no *locus*, algo comum nas narrativas em japonês, mesmo que isso cause certo estranhamento na tradução. No mais, não teria outras observações dignas de nota a fazer.

### **Asas brancas**

Yuriko Miyamoto

Certa tarde, o pombo macho entrou primeiro no ninho de madeira. Ele se instalou timidamente a um canto e chamou a fêmea. A fêmea veio. Ela pousou no poleiro depois de olhar para dentro inclinando a cabeça na entrada. Eles se aproximaram e aconchegaram os corpos um no outro.

Ainda estava claro do lado de fora. O céu a oeste brilhava com particular intensidade devido aos resquícios do pôr do sol que iluminavam a borda recortada de uma nuvem pesada e o telhado de uma casa com ar de palhoça no horizonte aberto. Uma fileira de carvalhos bronzeados cintilava com reflexos quentes, mas a água do pequeno riacho sob ela, já sonolenta, tinha uma tênue e fria opacidade. O som dos arados dos seres humanos que terminavam o trabalho e o frêmito dos animais de criação podiam ser ouvidos por todos os lados do campo acompanhado de uma ligeira cerração vespertina.

Aqui, no entanto, prevalecia a tranquilidade silenciosa e acolhedora de uma noite que caía com grande precocidade. À vontade, sentindo o prazer de sono, o pombo macho arrulhou docemente:

— Gruuuuu!

A fêmea levantou a perna delgada e coçou o lado da orelha com graça. Então se aconchegou ainda mais ao macho. Com as cabeças coladas uma na outra, como haviam dormido centenas de noites desde que eram dois filhotes, era assim que procuravam dormir.

O pombo macho acordou no meio da noite com uma sensação estranha. A fêmea não estava ao seu lado no poleiro. Ela estava na parte de baixo. O som suave e querido de penas sendo ajustadas vinha dali. Nesse momento, o brilho intenso de uma lâmpada penetrou pelas frestas do ninho. O macho reconheceu a forma alva da fêmea. Ele esticou o pescoço do poleiro e bicou de leve a esposa que, por alguma razão, não estava ao seu lado. A fêmea se mexeu outra vez e emitiu um fraco:

— Grugrugruuuuu!

Como a noite de outono ao seu redor, essa voz estava prenhe de emoção. Movido por uma mistura de tristeza e amor, o pombo macho deu pequenas batidas no poleiro com o bico, procurando fazer com que ela viesse para seu lado. Um leve farfalhar de asas se fazia ouvir de vez em quando, mas, ao final, a fêmea não voltou para seu lado.

O alvorecer iluminou os olhos do pombo. Um grande infortúnio se revelou ao macho, ele caminhou ao redor levantando as pernas bem alto enquanto arrulhava. A fêmea havia morrido durante a noite.

O pombo macho esqueceu a morte da fêmea. Durante o dia, quando o sol brilhou ao ar livre e as florestas longínquas o tentaram com as copas de árvores perenes, o pombo macho voou galantemente em sua direção como uma flecha branca. Entretanto, quando o anoitecer se elevou sobre a esfera terrestre e estimulou seus instintos, o pombo macho sentiu uma súbita solidão. Ele vagou irrequieto ao redor do campo e da sombra da estufa, cujo vidro faiscava com o sol poente, enquanto arrulhava:

— Goruhuu! Goruhuu!

Ele procurou avidamente pela fêmea. Bicou desde o fundo do vaso de ninfeias secas, onde havia apenas barro, até a palha usada na proteção contra a geada. Chamou ainda mais pela esposa, gritando de todas as formas possíveis, ardendo de amor e consumido por uma profunda e solitária tristeza. Quando a escuridão vespertina aos poucos se intensificou, ele entrou sozinho no ninho aos prantos. Cansado da busca, o pombo macho adormeceu em meio às lembranças de centenas de noites. Porém, com dificuldade para dormir, despertava com frequência. Ele deslizava o corpo com suavidade e sofreguidão, mas a fêmea não estava ali, havia apenas as farpas do ninho.

Atônito, o pombo macho chorou. Seu criador notou a solidão do pombo macho e pendurou um espelho ao lado do ninho. À tarde, ele ouviu o armário em que os cereais eram guardados ser aberto. Enquanto ciscava os grãos polvilhados sobre o piso de terra batida da área, o pombo macho se assustou e, de modo involuntário, voou baixo por alguns metros batendo furiosamente as asas contra o solo. O que era aquilo que estava ali? Enquanto ciscava, o pombo macho mais uma vez teve a impressão de que era observado por olhos estranhos. Medo e curiosidade nasceram nele. O pombo macho perdeu o interesse em recolher os grãos. De longe e com muita cautela, ele passou várias vezes diante daquele lugar. O pombo macho arrulhou com inesperada alegria:

— Gruhu! Gruhu! — Sua esposa estava ali, observando-o. — Gruhuu! Goruhuu! Goruhuu!

Sufocado pela emoção, o pombo macho cumprimentou a fêmea. Assim como ele, a fêmea o observava fixamente com olhos calorosos. Inflou graciosamente o pescoço e arrulhou. Embora nossos bicos se toquem, por que minha adorável esposa não se aproxi-

ma? Sua mente parecia enlouquecer com esses questionamentos. Ele se precipitou para o interior do ninho. Com a cabeça batendo no teto, olhou atrás de si. Não viu a fêmea. No entanto, quando desceu ao piso de terra batida da área, não restava dúvida, havia outro pombo ali. O pombo macho esqueceu seu medo e, aflito, arrulhou tocando o bico do outro pombo com o seu.

O criador guardou o espelho, mas o pombo macho não se esqueceu do pombo que acidentalmente havia visto. Ele estava convicto de que aquela era sua esposa. Hoje e no dia seguinte, perseverante, o pombo macho voou pela casa procurando pela fêmea que havia perdido novamente de vista. Muitas alvoradas e crepúsculos se sucederam. O inverno chegou. O entardecer se tornou tão curto que, de súbito, dia e noite pareciam se seguir um ao outro.

Em um desses céleres ocasos, o pombo macho entrou sozinho na casa. Não havia ninguém e a porta de correr da sala estava aberta. Ele sentiu fome. Quando levantou voo para se dirigir ao armário onde estavam os cereais, o pombo macho o viu outra vez, o outro inesquecível pombo. Então abandonou o objetivo inicial de seu voo e retornou, batendo o corpo no tampo da lâmpada apagada que pendia lugubrememente. Era um lugar um pouco alto. Havia vários objetos no caminho, quando o pombo macho tentou pousar, eles caíram produzindo um ruído incômodo. Porém, como poderia perder de vista aquela que se encontrava ali? O pombo macho arrulhou com uma felicidade cheia de uma paixão ainda mais intensa do que aquela que sentiu quando acreditou ter visto a fêmea pela primeira vez:

— Grugohuu! Grugohuu!

Ele se aproximou do espelho levantando as pernas de felicidade e saudade. Viu a figura alva tão querida também se aproximar do outro lado. O pombo macho continuou a chamar a fêmea com doçura e familiaridade, com a mesma voz com a qual a chamou do alto do poleiro algumas noites. Sem se cansar de demonstrar seu amor, ele a tocou com o bico. Mesmo que sua aparência estivesse um pouco diferente, aqui estava a fêmea. Ele não está mais sozinho. Como nas noites que se foram, ele passará as noites de inverno dormindo aqui ao lado dela.

O pombo macho colocou seu corpo o máximo possível ao seu reflexo no espelho. Sua estranha esposa era fria. — Extremamente fria. Ah, mas isso não tinha importância! O pombo macho fechou as pálpebras. Ele se aconchegou mais uma vez à fêmea e enterrou o pescoço entre as penas.

*Kindai Fūkei*, fevereiro de 1927.

## 白い翼

宮本百合子

或る夕方、雄鳩が先に小屋へ入った。片隅へ遠慮ぶかく落付きながら彼は雌を呼んだ。雌が来た。入口で一寸首を傾け内部を覗いてから棲り木に移った。彼等は両方からより添って互の体を軟く押しつけ合った。

外はまだ明るかった。特に西空はたつぷり夕陽の名残が輝いて、ひらいた地平線の彼方に乾草小屋のような一つの家屋の屋根と、れれな重い雲の縁とを照し出していた。櫟の金茶色の並木は暖い反射を燦かしたが、下の小さい流れの水はもう眠く薄らつめたく鈍った。野末の彼方此方から、人間が労働を終ろうとするの音や家畜の唸り声が微かなとともに聞えた。

ここは、然し静かで、居心地よくて極く早い夜の和らぎが満ちている。雄鳩は不安なき眠りの悦びを感じながら優しく、

「クウウウウ」

と喉を鳴らした。雌はい脚をあげ耳のわきをしとやかに搔いた。そして、一層ぴったり雄のそばによった。二羽の雛鳩であった時からこのように頭をくっつけ合って幾百の夜を眠った、その眠りを眠ろうとするのであった。

夜中に、雄鳩は不図異様な感じを以て目を醒した。雌は棲り木で彼の隣りにいなかった。下におりている。カサカサ羽づくろいをする軽い懐しい音がそこからした。その時、小屋のの隙間をとおして鋭い電燈の光が射し込んだ。雄鳩は雌の白い姿を認めた。棲り木から首をのぼし彼はそつとで何故か自分の側にいぬ妻を突つた。再びカサカサ身じろぎをし、雌は、

「クククウウウウ」

とゆるやかにいた。四辺の秋の夜の通りその声は情がこもっていた。雄鳩は悲しさと恋心の混り合った感情に揺られ、猶も自分の傍に来させようと、コツコツ・コツコツ嘴で棲り木をたたいた。時々羽毛の触る微かなカサカサいう音がするだけで、雌は終に彼の傍に戻って来なかった。

黎明が鳩の目を明るくした。雄鳩は大きな悲しみを見出し、鳴きながら脚を高くあげその辺を歩き廻った。夜のうちに雌は死んだ。

雄鳩は雌の死んだことを忘れた。昼間、太陽が野天に輝やいて、遠くの森が常緑の梢で彼を誘惑する時、雄鳩は白い矢のように勇ましく其方へんだ。けれども夕方が地球の円みを這い上って彼の本能に迫る時、雄鳩は急な淋しさを覚えた。彼は畑や、をキラキラタ栄えさせる温室の陰やらを気ぜわしく鳴きながら歩き廻った。

「ゴロッホーゴロッホー」

彼は雌を熱心にさがし求めた。水蓮が枯れて泥ばかりの水鉢の奥から、霜よけのまで嘴で突いた。彼は深い孤独の悲しみと恋しさに燃えながら猶あらゆる鳴きようで妻を呼んだ。次第に夕闇が濃くなると、彼は鳴きつつ小屋に一人入った。さがし疲れて、雄鳩は幾百の夜の思い出の中に眠った。が、眠りづらく、彼は目がさめた。夢中で優しく体をすりよせたが、そこに雌はいず小屋の荒い羽目があった。

雄鳩はいて鳴いた。雄鳩の淋しげなのを見て、人が鏡を小屋の横にたてかけた。午後で、彼は麦の入っている戸棚の開く音をききつけた。土間に撒かれた麦をんで行くうちに、雄鳩は愕然として覚えすく翼で地面をきながら低く数尺翔んだ。今いたのは何物であろう。啄むうちに、また雄鳩は怪しいものが目を掠め去ったのを感じた。恐怖と好奇心が彼の内に生じた。雄鳩は麦粒を拾うことを忘れた。用心深く遠くから彼はそこを幾度も通りすぎて見た。雄鳩は思いがけない歓びで、

「クックウ、クックウ」

と喉を鳴らした。そこには妻が自分を見ていたのであった。

「クックウー、ゴロツホー、ゴロツホー」

溢れ噓(むせ)ぶ思いで、雄鳩は雌に挨拶した。雌は彼のする通り、熱した目で凝っと彼を見た。美しく頸をふくらませて喉を鳴らした。嘴と嘴とがさわるのに、愛らしい妻は何故来ないのだろう。此方へ何故来ないのである。疑問で雄鳩の心は狂いそうになった。彼は小屋の中へ急いで駆け込んだ。天井に頭を打ちつけながら額の裏を探した。雌はいなかった。しかも、土間のその小屋の中へ舞い降りると、そこには紛れないもう一つの鳩がいるのであった。雄鳩は恐れを忘れ切なく嘴でもう一つの鳩の嘴をつきながら鳴いた。

人は鏡を仕舞ったが、雄鳩は計らず見たもう一つの鳩を忘れなかった。彼はそれを自分の妻だと深く信じたのであった。雄鳩は今日も明日も根気よく家の中を翔び廻って再び見失った雌を探した。多くの黎明と夕暮が過ぎた。初冬が来た。昼間と夜とがいきなり続くほど暮れ方が短くなった。

そういう一つのしい夕方、雄鳩は独り家に入った。人気なく、部屋への障子が開け放されている。彼は飢を感じた。麦のある戸棚の方へ飛び立った時、雄鳩は再び見た、忘れぬもう一つの鳩を。彼は自分が飛び立った初めの目的をも忘れ、まだらない電燈の憂鬱に垂れた蓋に体をぶつけて翔び戻って来た。それは何か高いところであった。雄鳩の邪魔になる物がいろいろあって、彼がそれに止ろうとすると厭な音をたてて倒れた。然し、その彼方にいる彼女をどうして見失うことがあろう。雄鳩は、始めて雌を見たと思った時より、更に情熱のこもった歓びで、

「グウッケー、グウッケー」

と喉を鳴らした。彼は嬉しさと慕わしさとで脚を高くあげつつ鏡に近



づいた。同時に向うからも近づく、如何にも見覚えある白い姿を見た。雄鳩はいつかの夜棲り木の上から雌を呼んだ時の通りの声で、親しげに軟かく彼女に呼びつづけた。愛のしるしに飽かず嘴で触った。たとい何だか様子の異ったものとなったにしろ、ここに雌はいた。彼はもう孤独でない。過ぎ去った夜々のように彼はここで、雌の隣りに冬の夜を眠るのだ。

雄鳩は出来るだけぴったり鏡の中の自分の影に身をすりよせた。彼の不思議な妻は冷たかった。——非常に冷たかった。ああ。然しそれは何でもないことだ。雄鳩は、瞼を閉じた。彼はもう一度雌に寄りそいなおしてから、首をの間に埋めた。

「近代風景」1927 (昭和2) 年2月号

## Referências bibliográficas

MIYAMOTO, Yuriko. “Shiroi tsubasa”. Página eletrônica: <[https://www.aozora.gr.jp/cards/000311/files/1966\\_6861.html](https://www.aozora.gr.jp/cards/000311/files/1966_6861.html)>. Acesso em: 03 de março de 2024.